

O Fio da Espada: Ficção no Fotojornalismo¹

Julio Cezar Pereira Peres²

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

Maria Luisa Hoffmann³

Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, SP

Resumo

Neste artigo, objetiva-se analisar, a partir da fotografia Touché, de autoria do fotojornalista Wilton de Sousa Junior, o uso da ficção no fotojornalismo – entendida aqui como representação construída para ilustrar algo que não aconteceu nos limites do factual. Busca-se, também, identificar a relação de gênero fotojornalístico que a imagem – publicada no jornal O Estado de S. Paulo em 21 de agosto de 2011 – estabelece com as unidades de texto que a acompanham. Para tanto, utiliza-se os aportes teóricos de Kossoy (2009), Barthes (2009), Guran (1999), Sousa (2004), entre outros.

Palavras-chave: Fotojornalismo; Ficção Documental; O Estado de S. Paulo; gêneros fotojornalísticos.

“O documento fotográfico não pode ser compreendido independentemente do processo de construção da representação em que se originou”

Boris Kossoy

1. Empunhando a espada: introdução à temática

Os principais prêmios de jornalismo do mundo trazem a fotografia como categoria concorrente. O Prêmio Pulitzer⁴, que premia fotografias desde 1942, até 1967 não fazia distinção de gêneros fotojornalísticos entre as imagens participantes. A partir de 1968, a categoria foi dividida em dois gêneros: *Feature Photography* e *Spot News Photography* – este, por sua vez, passou a se chamar *Breaking News Photography* a partir do ano 2000. Para Sousa (2004, p.90), as *Spot News/Breaking News* são “fotografias ‘únicas’ de acontecimentos ‘duros’, frequentemente imprevistos” e as *Feature Photos* “são imagens fotográficas que

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Atualmente cursando especialização em Fotografia: Práxis e Discurso Fotográfico pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: julio.cezar.peres@hotmail.com.

³ Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Docente na Especialização em Fotografia: Práxis e Discurso Fotográfico da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Docente na Graduação em Comunicação Social da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste). E-mail: maluhoffmann@yahoo.com.

⁴ O Prêmio Pulitzer, administrado pela Universidade de Columbia, é outorgado, desde 1917, a pessoas que realizem trabalhos de excelência na área da informação.

encontram grande parte do seu sentido em si mesmas, reduzindo o texto complementar às informações básicas (quando aconteceu, onde aconteceu etc.)” (SOUSA, 2004, p.92).

Enfim, tais categorias têm como características principais expressar imageticamente o que aconteceu em um determinado momento. Mas, comumente, imagens do fotojornalismo não apresentam somente informações sobre os fatos que retratam. As possibilidades semânticas geradas a partir da construção da imagem e de sua relação com o texto podem gerar ficções, e é sobre elas que este artigo se debruça.

Toma-se como objeto a fotografia Touché⁵ (FIGURA 1) – de autoria do fotojornalista carioca Wilton de Sousa Junior –, publicada na página A-7 do jornal O Estado de S. Paulo⁶ do dia 21 de agosto de 2011 e seu contexto, tanto de captação/construção, como de publicação. A escolha da imagem se deu em função do reconhecimento que essa teve ao conquistar importantes premiações na área de fotojornalismo, como o Prêmio Internacional de Jornalismo Rei da Espanha de Fotografia, o Prêmio Esso de Jornalismo⁷, ambos em 2012 e o Prêmio Imprensa Embratel em 2015. Na imagem, a então Presidente da República em exercício, Dilma Rousseff, parece ser transpassada pela espada de um militar. A fotografia levantou uma série de debates⁸ por parte de internautas, principalmente acerca dos limites da ética no fotojornalismo. Na publicação não havia nenhum indicativo de que a imagem, embora fosse uma captura do real, era apenas uma ilusão de ótica, uma ficção, como se discute adiante.

Pretende-se, neste trabalho, compreender a possibilidade do uso das fotografias de ficção no fotojornalismo. Para tanto, averigua-se, no primeiro momento, em qual gênero fotojornalístico a imagem selecionada se enquadra e quais os critérios utilizados para classificar uma fotografia nas possíveis categorias.

⁵ Segundo o Comitê Olímpico Brasileiro, a expressão francesa “Touchê!” era usada pelos esgrimistas na época em que não havia sensores eletrônicos para identificar os golpes. Disponível em: <http://timebrasil.cob.org.br/esportes/esgrima>. Acesso em: 08 ago. 2013.

⁶ O Estado de S. Paulo é, segundo a Associação Nacional de Jornais (ANJ), o quarto jornal com maior circulação paga do país. Disponível em: <http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>. Acesso em: 10 ago. 2013.

⁷ Criado em 1955 pela empresa Esso Brasileira de Petróleo Ltda. com o título de Prêmio Esso de Reportagem, premiava apenas reportagens escritas. Ao longo dos anos incluiu outras categorias de conteúdo. A categoria de fotografia foi incluída a partir do ano de 1960, com um voto de louvor para o fotógrafo Campanela Neto, da revista Mundo Ilustrado. Para Mauad (2008), o surgimento de tal categoria neste prêmio foi de fundamental importância para o reconhecimento dos fotojornalistas. Em 2015, em seu 60º ano de existência, passou a se chamar Prêmio ExxonMobil de Jornalismo. Neste ano de 2016, após seis décadas ininterruptas de premiação, os organizadores anunciaram uma pausa no prêmio para reformulações.

⁸ A polêmica que girou em torno da imagem foi citada no Radar Político – página que trata de bastidores da política no blog do Estadão. Abaixo da matéria que fala sobre as polêmicas podem ser observados alguns comentários. Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/radar-politico/2011/08/23/estadao-desmente-foto-montada/>>. Acesso em: 08 ago. 2013.

FIGURA 1 – Fotografia Touché!



Fotógrafo: Wilton de Sousa Junior

Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/01/foto-de-dilma-transpassada-por-espada-vence-premio-internacional.html>

Acesso em: 08 ago. 2013

2. Nas lâminas da ficção: em busca de conceitos

Na fotografia de ficção, segundo Expósito (2004), “a sua inevitável condição ficcional se une à capacidade documental da imagem fotográfica, forçando os limites que consideramos como real e pondo em questão nossos mecanismos habituais de reconhecimento da realidade”. No fotojornalismo, a ficção é utilizada geralmente na área de fotografia de ilustração, embora, segundo Sousa (2004, p.100), há profissionais que não considerem tal gênero como fotojornalístico.

Baeza (2001, p.129) diz que a fotografia ilustrativa, embora tenha um uso cada vez maior na imprensa, permanece como uma categoria fotojornalística indefinida. Para tal autor, essa categoria de imagem é utilizada para um fim estritamente de ilustração, que ajuda na compreensão de um texto com base no conteúdo conceitual ou específico – conteúdo este definido antes da tomada da imagem. Para o autor, ainda, a fotografia de ilustração é concebida, por vezes, com o intuito de adquirir um caráter de espetáculo, poético ou simbólico.

Sousa (2004, p.100), ao considerar o fotojornalismo no sentido *lato*, diz ser sua opinião que “as ilustrações fotográficas (também chamadas fotografias ilustrativas ou *photo illustrations*) podem se integrar nos gêneros fotojornalísticos”. O autor ainda explica que essas ilustrações imagéticas: “podem ser fotografias únicas ou fotomontagens, quer nestas se

usem unicamente fotografias, quer se combinem outras imagens com fotografias” (SOUSA, 2004, p.100).

O debate acerca da credibilidade da fotografia ilustrativa reside no fato da mesma ser utilizada fora do contexto em que foi produzida, ou seja, ilustrar uma matéria mesmo tendo sido produzida em outro momento e circunstância. Segundo Baeza (2001), a fotografia jornalística orienta-se por valores de atualidade e de relevância social e política, buscando informar. Já a foto-ilustração busca uma melhor compreensão de um objeto, de um fato, de um conceito, interpretando visualmente alguns de seus traços essenciais. Esse tipo de registro busca amplificar a compreensão de uma ideia, por meio de atributos e procedimentos da simbolização. Trata-se, portanto, de um tipo de fotografia que se distancia da ideia de testemunho para trabalhar com a criação de realidades próprias, ou seja, ficções. Por se tratar de uma construção, é opinativa, expressa juízos de valor.

Kossoy (2009) afirma que o registro fotográfico é dotado de duas realidades: a primeira realidade, diz respeito ao fato no momento em que a fotografia foi captada. Ou em suas palavras,

a primeira realidade é a realidade do assunto em si na dimensão da vida passada; diz respeito à história particular do assunto independentemente da representação, posto que anterior e posterior a ela, como também, ao contexto deste assunto no momento do ato do registro (KOSSOY, 2009, p.36).

Já a segunda realidade, diz respeito ao registro fotográfico,

é a realidade do assunto representado, contido nos limites bidimensionais da imagem fotográfica, não importando qual seja o sistema no qual esta imagem se encontre gravada. O assunto representado é, pois, este fato definitivo que ocorre na dimensão da imagem fotográfica, imutável documento visual da aparência do assunto selecionado no espaço e no tempo (durante sua primeira realidade) (KOSSOY, 2009, p.37).

Por trabalhar com uma fotografia fictícia publicada em um jornal, e deslocada de contexto, julga-se prudente tal embasamento para guiar as proposições teóricas, já que, na construção fictícia, a segunda realidade é sempre um processo de construção planejado, com o objetivo de gerar um efeito que não existiu de fato nos limites do momento do ato fotográfico – primeira realidade.

3. Afiando a espada: procedimentos metodológicos

O artigo é dividido em duas etapas, já que, como destaca Sousa (2004, p.89-90),

a identificação de um gênero fotojornalístico passa, por vezes, pela intenção jornalística e pelo contexto de inserção da(s) foto(s) numa peça. O conteúdo e forma do texto são, assim, essenciais para explicitar o gênero fotojornalístico (não se pode esquecer que o fotojornalismo integra texto e fotografia).

No primeiro momento, foi mapeada a primeira realidade da fotografia com o intuito de conhecer o contexto no qual a imagem foi captada e a intenção do autor, assim como os mecanismos que utilizou para a sua produção. Tal procedimento foi realizado através das metodologias de análise técnico-iconográfica⁹ e recuperação iconológica¹⁰ (KOSSOY 1988), alcançados por meio de entrevista com o autor da foto, Wilton de Sousa Junior (mediada por e-mail), de análise de dados técnicos da captura da imagem e da coleta de material em revista especializada, bem como em uma entrevista concedida para um blog de conteúdo fotojornalístico. Na segunda etapa, discute-se o contexto no qual a fotografia, já como segunda realidade, foi inserida e a sua relação com os elementos textuais.

4. Primeiro Golpe: por trás da cena captada

De acordo com o *file info*¹¹ (FIGURA 2) da fotografia, enviado pelo autor, o registro foi feito utilizando-se uma objetiva com distância focal de 400mm. Por se tratar de uma teleobjetiva, que tende a aproximar os planos, o espadim parece mais próximo da personagem do que realmente estava na cena em questão. Tal fato pode ser compreendido quando observado que:

a tele tende a aproximar os planos uns dos outros, achatando tudo, mas destaca com muita clareza o plano que estiver focado, diluindo completamente os demais planos (foco seletivo). E, por encher bem o quadro, é muito útil na valorização de detalhes significativos (GURAN, 1999, p.47).

Outro fator importante, destacado por Guran (1999, p.47) com relação à teleobjetiva é que esta também influencia na profundidade de campo, destacando o primeiro plano e

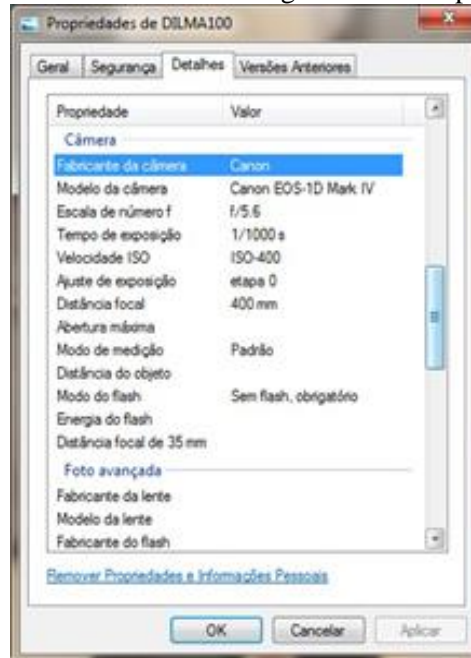
⁹ Para Kossoy (1988, p.11), análise técnico-iconográfica é a “determinação dos elementos constitutivos das fotografias (assuntos registrados, autoria da representação, tecnologia empregada) e das coordenadas de situação (espaço: local onde se deu o registro, e tempo: época ou data aproximada da obtenção do registro).

¹⁰ Recuperação iconológica é, para Kossoy (1988, p.11), a “recuperação de micro-histórias concernentes e/ou implícitas aos seus conteúdos, na tentativa de reviver a cena registrada no plano do imaginário, a partir da conjugação das fontes históricas escritas e fotográficas”.

¹¹ *File info* é um quadro que fornece informações técnicas sobre um arquivo digital, tradicionalmente incorporado ao arquivo em que a imagem foi salva.

desfocando o segundo, mesmo que o diafragma esteja bem fechado. A fotografia em estudo foi captada com abertura de diafragma f./5.6, sendo possível observar tal fenômeno.

FIGURA 2 – File info da fotografia enviada pelo autor



O *file info* ainda revela que a fotografia foi gerada a partir de um click com o obturador em velocidade 1/1000s. A velocidade de obturação¹² “é o que nos permite parar ou não um corpo em movimento” (GURAN, 1999, p.41). No caso estudado, tal velocidade indica que o operador da câmera pretendia congelar uma cena em que havia movimento rápido, o que é possível constatar também quando se observa no blog Radar Político (FIGURA 3), d’O Estado de S. Paulo, a sequência de fotos que originou a publicada. Para conseguir tal sequência, o fotógrafo utilizou-se do recurso de disparo contínuo, como afirmou em entrevista por e-mail. Este recurso permite que o autor, ao segurar o botão de disparo, registre alguns frames por segundo.

No equipamento utilizado, uma câmera digital da marca Canon, modelo EOS-1D Mark IV, é possível, segundo o site do fabricante, registrar até 10 frames por segundo no modo de disparo contínuo, o que justifica a precisão em se ter seis frames seguidos do momento em que o militar conduzia sua espada, provocando a ilusão de ótica captada pelo fotojornalista.

¹² Guran (1999) destaca que a possibilidade de utilização de uma maior velocidade de obturação, aliada ao surgimento de filmes com oxidação mais rápida, marcou o surgimento do fotojornalismo moderno, por possibilitar que o personagem pudesse ser fotografado sem perceber.

FIGURA 3 – Sequência de fotos publicada no blog Radar Político



Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/blogs/radar-politico/estadao-desmente-foto-montada/>
 Acesso em: 20 ago. 2013

Guran chama atenção também para a importância do “momento” na fotografia. Segundo o autor, “o ato de liberar o obturador da câmera é sempre a escolha de um determinado momento e é a principal escolha do fotógrafo” (GURAN, 1999, p.51). Ele acrescenta que o motor drive – tecnologia utilizada na câmera fotográfica que permite o disparo contínuo – permite ao fotógrafo, “operando chapa a chapa, não perder coisa alguma que se passa” (GURAN, 1999, p.53).

Em entrevista concedida para o Blog Eu Sou Fotógrafo, publicada em 1º de março de 2013, Wilton Junior contou como se posicionou para conseguir tal captura:

eu já fui militar e conheço esses movimentos. Conheço como os militares fazem durante uma cerimônia e o oficial, no seu movimento de apresentar armas, ele executa esse movimento com a espada. Eu conhecia e me antecipei a isso para poder fazer essa fotografia (SOUSA JUNIOR, 2013a).

No evento, ocorrido em 20 de agosto de 2011, a então Presidente da República em exercício, Dilma Rousseff, participava da cerimônia de entrega de espadins da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), que aconteceu no pátio da instituição, situada em Resende (RJ). Durante a cerimônia, os cadetes participantes receberam espadins, que são miniaturas da espada do patrono do Exército Brasileiro, Luís Alves de Lima e Silva – Duque de Caxias, tidas como símbolo de honra militar.

No momento da captura fotográfica, a governanta prestava reverência à Bandeira Nacional, durante o rito de revista às tropas. Ela estava acompanhada pelo comandante da

Guarda de Honra, que em tal ocasião acompanha a autoridade superior, guardando sua retaguarda. No momento em que a autoridade reverência a bandeira, o comandante realiza o movimento “apresentar arma”, deslocando a espada – que estava no comando “ombro-arma” – em sentido diagonal, do alto da cabeça até a direção inferior direita.

Sabendo que a movimentação seria realizada, o fotógrafo se antecipou para registrar a imagem que já havia arquitetado mental e ideologicamente. “A Presidente está com problemas políticos em sua própria base, e a foto dá bem essa dimensão, já que a mostra sendo atacada por trás. Já fui para AMAN pensando em que tipo de foto poderia retratar essa questão” (SOUSA JUNIOR, 2011, p.17).

Quando constrói a representação, o autor impõe sua intencionalidade, direcionada de acordo com a finalidade para qual é produzida, e é nessa destinação “que se encontrará um rico veio para a compreensão da estética fotográfica nos diferentes períodos de sua história. [...] Estética e ideologia são componentes fluídos e indivisíveis, implícitos na representação fotográfica” (KOSSOY, 2012, p.144-145).

Tendo à disposição recursos e conhecendo os códigos de composição fotográfica, o autor muitas vezes fala ao receptor através de metáforas, tradução de ideias, que concretizam seu imaginário e transparecem sua ideologia.

Através da fotografia aprendemos, recordamos, e sempre criamos novas realidades. Imagens técnicas e imagens mentais interagem entre si e fluem ininterruptamente num fascinante processo de criação/construção de realidade – e de ficções. São essas as viagens da mente: nossos “filmes” individuais, nossos sonhos, nossos segredos. Tal é a dinâmica fascinante da fotografia, que as pessoas, em geral, julgam estáticas (KOSSOY, 2007, p.147).

5. Segundo golpe: desmontagem do contexto em que a fotografia foi inserida

A fotografia estudada foi publicada originalmente na página A-7 do Jornal O Estado de S. Paulo, no dia 21 de agosto de 2011 (FIGURA 4). De acordo com Barthes (2009, p.12),

[...] por a fotografia e a parte textual que a acompanha serem duas unidades heterogêneas, ao traçarmos uma análise entre as duas, devemos incidir primeiramente sobre cada uma das estruturas e só quando estas estiverem se esgotado, poderemos compreender como elas se completam entre si.

Guran (1999, p.63) diz que “a fotografia aparece na imprensa em três situações: como ilustração, como informação principal em relação ao texto, ou como complemento deste”. Já Lima (1988, p.31) acrescenta que “na imprensa, a relação da fotografia com a escrita se dá a

três níveis, que por sua vez se inter-relacionam: 1. Fotografia-legenda; 2. Fotografia-manchete; 3. Fotografia-texto”. Sabendo que a fotografia em questão apresenta, na página onde foi publicada, relação com as três unidades apresentadas por Lima (1988) e que destas, uma não se inter-relaciona com as demais, analisa-se cada uma separadamente e, posteriormente, o modo como a fotografia é utilizada, segundo Guran (1999).

FIGURA 4 – Página na qual a fotografia foi publicada



Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20110821-43041-nac-7-pol-a7-not>
 Acesso em: 17 ago. 2013

Na composição da página, a imagem aparece sujeita ao título “Desconfiado de Dilma, PMDB faz planos para 2014” e ao texto da matéria que acompanha. De acordo com Lima (1988, p.34), “o título do assunto apadrinha o conjunto formado pelo texto escrito ao lado da

fotografia acompanhada da sua legenda”. Nesta composição, a legenda¹³, por ser um texto-legenda separado graficamente por linhas, numa espécie de box, se enquadra em outra categoria de análise, tanto por ser uma unidade distinta do texto principal, como por tratar de outra temática.

Deve-se considerar que a fotografia que trata de assuntos políticos tem suas particularidades na transmissão de conteúdo, como enfatizou o autor em entrevista publicada na revista Photo Magazine, na época da divulgação da imagem. “Sempre que saio para um evento político, busco uma foto que possa retratar o momento. Nem sempre é possível transmitir uma informação desse tipo numa imagem, mas às vezes acontece” (SOUSA JUNIOR, 2011, p.17).

Quando se trata de pautas de assuntos políticos, identifica-se que há certa relação de representação entre o chefe de cada instância do governo e a autarquia a que representa, ou seja, a presidente na ocasião em que foi fotografada, não representava apenas a si própria, mas também o seu governo. É o que argumenta Lima (1988, p.95), ao dizer que, “como a política é a ciência dos fenômenos do Estado, a fotografia é quase sempre a própria fotografia do político dentro de seus universos”. Ainda sobre este assunto, sustenta Kossoy (2009, p.55) que, “de uma forma geral – e, mais especificamente, em matérias políticas ou ideológicas -, a imagem que será aplicada em algum veículo de informação é sempre objeto de algum ‘tratamento’ com o intuito de direcionar a leitura dos receptores”. Deste modo, o estudo aponta que a fotografia de política nem sempre é uma fotografia de fácil registro e transmissão.

Considerando o texto-legenda, lê-se: “Honras militares: Recebida com solenidade de gala, na Academia Militar das Agulhas Negras, a presidente Dilma Rousseff assistiu ontem à entrega de espadins a 441 cadetes que cursam o primeiro dos quatro anos da escola de formação de oficiais”, o que, de certo modo, vai ao encontro das normas contidas no Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo. No item três das instruções, o Manual diz que “as legendas, no Estado, devem, sempre que possível cumprir duas funções, simultaneamente: descrever a foto [...] e dar uma informação ou opinião sobre o acontecimento” e ainda, no item cinco, aconselha, “se a foto apresenta um deputado em

¹³ O Manual de Redação e Estilo do Jornal O Estado de São Paulo diz que “as legendas, no Estado, devem, sempre que possível, cumprir duas funções, simultaneamente: descrever a foto [...] e dar uma informação ou opinião sobre o acontecimento”. Mais que isso, sobre o texto legenda, o manual diz que “como é ao mesmo tempo uma notícia e uma legenda, deve, por isso, descrever a fotografia e relatar o fato em linguagem direta e objetiva”.

cadeira de rodas, explique o motivo na notícia que acompanha a legenda” – no caso estudado, o próprio texto-legenda (MARTINS FILHO, 1997, p.159).

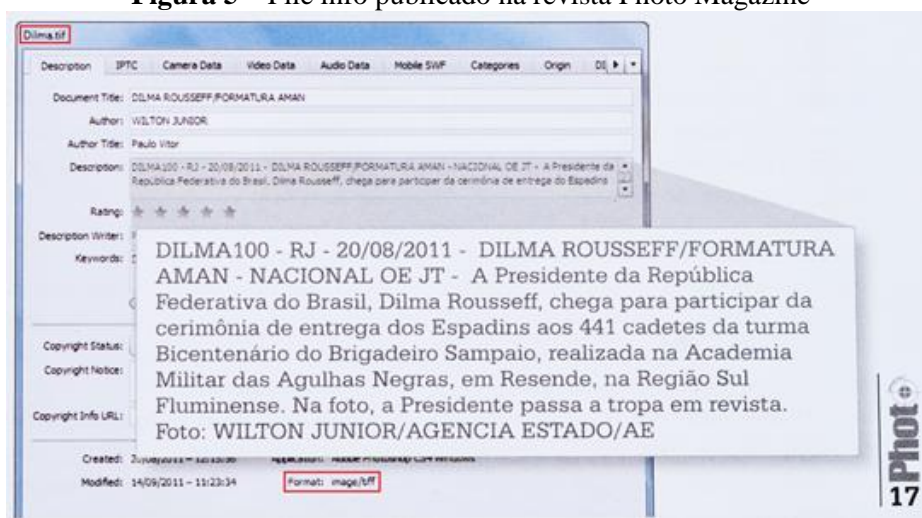
A legenda é o principal elo entre a fotografia e o leitor. Para Guran (1999, p.63), a legenda tem como função primordial “ativar no leitor todos os conhecimentos correlatos àquela cena mostrada”. Este complemento deve dar suporte para que a fotografia seja interpretada corretamente, já que contém uma linguagem polissêmica, propiciando ao leitor uma leitura do sugestivo.

No caso abordado, o texto-legenda não traz uma ligação com a imagem que ilustra. Ora, no título da legenda da foto em que a Presidente da República parece estar sendo transpassada está escrito “Honras Militares”, e no decorrer do texto fala de algo que não é possível ser visualizado, como a recepção de gala, nem a Presidente assistindo à solenidade de entrega de espadins. O que é sugerido na imagem é que a Presidente está sendo golpeada pela espada.

Na legenda que o fotógrafo submeteu juntamente à imagem, publicada na Revista Photo Magazine (2011, p.17), consta:

DILMA100 - RJ - 20/08/2011 – DILMA ROUSSEFF/FORMATURA AMAN - NACIONAL OE JT - A Presidente da República Federativa do Brasil, Dilma Rousseff, chega para participar da cerimônia de entrega do Espadins aos 441 cadetes da turma Bicentenário do Brigadeiro Sampaio, realizada na Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende, na Região Sul Fluminense. Na foto, A presidente passa a tropa em revista. Foto: WILTON JUNIOR/AGENCIA ESTADO/AE.

Figura 5 – File info publicado na revista Photo Magazine



Pelo teor da legenda e considerando que o autor transmitiu todo material da cerimônia no mesmo dia, como ele mesmo informou por e-mail, e ao perceber que o *file info* (FIGURA

5) está em extensão *TIF*¹⁴, é possível supor que essa mesma legenda apadrinhou todo o conjunto de fotografias enviadas pelo autor, incluindo a publicada no site Estadão – do grupo O Estado de S. Paulo – (citada adiante) e a publicada no jornal impresso.

Um fato que chama atenção é que a fotografia que ilustrou a matéria sobre a visita da Presidente da República à Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) no site Estadão, publicada no dia em que o fato aconteceu, é outra (FIGURA 6). Este fato leva ao questionamento de qual seria a pauta que o fotógrafo estaria cobrindo no momento de captura da imagem Touché. Sousa Junior (2013b) foi enfático: “Na ocasião nós só estávamos cobrindo a cerimônia porque a Presidente da República estava presente, a cerimônia, no entanto, não era a notícia”. Isto dá subsídio para analisar o contexto gráfico-visual da página do jornal em que a foto foi veiculada.

Figura 6 – Fotografia que acompanhou matéria sobre visita à AMAN



Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,dilma-participa-de-solenidade-em-escola-de-oficiais,761374>
 Acesso em: 16 ago. 2013

6. Touché! O golpe final

A partir dos pontos abordados, e ancorados nos referenciais teóricos, afirma-se que a fotografia estudada assume dois gêneros fotojornalísticos, a partir dos textos que acompanha. Com relação ao título e texto da matéria, acredita-se que a fotografia ocupa a função de

¹⁴ TIF (*Tag Image File Format*) é uma extensão de arquivo de imagem que possibilita o armazenamento e envio de imagens junto com quaisquer informações. Esse tipo de arquivo possibilita o armazenamento de um grupo de imagens em um mesmo arquivo.

ilustração, já que não apresenta relação direta com ambos, sendo apenas uma representação subjetiva, mais interpretativa do que informativa.

Para Sousa (2004), embora esse gênero tradicionalmente aborde temas de caráter descontraídos, como cozinha ou a moda, podem servir também para ilustrar temas sérios. Segundo o autor, as fotografias de ilustração são a base para a foto-opinião e a foto-análise. O autor ainda acrescenta que todas as fotografias ilustrativas “são imagens fabricadas, planejadas, para gerar um determinado efeito”; e que esse tipo de registro não se configura como uma captura do real, sendo, ao contrário, produzido em estúdio e/ou posteriormente montado e manipulado para acompanhar as matérias jornalísticas (SOUSA, 2004). No caso da página), d’O Estado de S. Paulo, segundo o fotógrafo, a imagem foi usada para ressaltar os problemas pelos quais a Presidente estava passando com sua base política.

O conteúdo do texto-legenda aponta para uma fotografia de notícia, que Sousa (2004) classifica em dois gêneros: *Spot News* e *General News*. Para o autor, *Spot News* são fotografias de acontecimentos imprevistos, que os fotojornalistas têm pouco tempo para planejar. Já *General News*, são as fotografias nas quais as pautas são comunicadas com antecedência e o fotógrafo pode selecionar os equipamentos que carregará e pode planejar o tipo de foto que quer captar. Por ser uma cerimônia oficial, o fotógrafo já tinha à sua disposição informações, como, por exemplo, a de que a Presidente da República estaria presente – assim, pode-se classifica-la como *General News*.

Considerando que a fotografia de notícia aparece sempre como testemunha do texto que acompanha, e tendo a obrigação de ter ligação direta com este, conclui-se que na relação foto-texto-legenda há uma ficção documental, “fenômeno” que ocorre quando o registro publicado perde sua ligação com a realidade na qual foi produzido. Esse novo contexto é imposto, principalmente, através dos elementos textuais, como ressalta Kossoy (2009, p.55):

Obtém-se assim, por meio da composição imagem-texto, um conteúdo transferido de contexto: um novo documento é criado a partir do original visando gerar uma diferente compreensão dos fatos, os quais passam a ter uma nova trama, uma nova realidade, uma nova verdade. Mais uma ficção documental.

Na fotografia estudada, a primeira e segunda realidade apontam para contextos e entendimentos diferentes: na primeira, do momento do ato fotográfico, a Presidente da República estava apenas prestando reverência à Bandeira Nacional, assim como o militar que a acompanhava – cada um ao seu modo. Já na segunda realidade, gerada a partir do

documento fotográfico, a presidente parece ser transpassada por uma espada. Não fica claro que a imagem foi tomada em uma cerimônia, muito menos o contexto de sua realização.

Ademais, a ocasião da fotografia não tem relação noticiosa com o texto e com a manchete, no conjunto da página. Propõe uma interpretação – do transpasse pela espada – que não remete à primeira realidade: a da cerimônia. Já a segunda realidade, criada a partir da construção do autor, mantém relação com as unidades de texto supracitadas, de que a presidente estaria sendo “traída”, ou melhor, golpeada por sua base aliada. Esse desencontro entre realidades, descontextualização, e a relação não testemunhal do fato com o elemento textual, caracterizam a imagem como ficção documental.

O uso desse tipo de fotografia no fotojornalismo é um fenômeno que tem ganhado cada vez mais espaço, e não é tão recente quanto parece. Se tomar como exemplo o Prêmio Esso de Jornalismo, é possível encontrar, logo no terceiro ano em que fotografias tiveram espaço no concurso, uma imagem premiada que apresentava características semelhantes a aqui abordada. Trata-se do registro “Qual o rumo?”, do fotógrafo gaúcho Erno Schneider, publicado no Jornal do Brasil em 1961. Mais uma fotografia de política com caráter ilustrativo, construída a partir da realidade, mas que sugere algo diferente.

Referências

BAEZA, Pepe. **Por una función crítica de la fotografía de prensa**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2001.

BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Lisboa: Edições 70, 2009.

DOMINGOS, João. **Desconfiado de Dilma, PMDB faz Plano para 2014**. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 21 de agosto de 2011. Nacional, p. A7. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20110821-43041-nac-7-pol-a7-not>

EXPÓSITO, Alberto Martín. **O Tempo Suspenso, Fotografia e Relato**. Trad. Mauricius Farina. Revista online Studium 16, Unicamp, 2004. Disponível em: <http://www.studium.iar.unicamp.br/16/5.html>. Acesso em: 18 ago. 2013.

GURAN, Milton. **Linguagem fotográfica e informação**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1999.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 4.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

_____. **Os tempos da fotografia:** o efêmero e o perpétuo. 2.ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

_____. **Realidades e ficções na trama fotográfica.** 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

_____. **São Paulo, 1900:** imagens de Guilherme Gaensly; análise e interpretação de Boris Kossoy. São Paulo: Kosmos, 1988.

LIMA, Ivan. **A fotografia é sua linguagem.** Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

MAUAD, Ana Maria. **O Jânio que ficou na retina:** foto premiada eternizou imagem do presidente com os pés trocados. Seu autor, Erno Schneider, revolucionou o fotojornalismo brasileiro, 2008. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/perspectiva/o-janio-que-ficou-na-retina>; acessado em 17 de agosto de 2013.

MARTINS FILHO, Eduardo Lopes. **Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo.** 3ª ed. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

SOUSA, Jorge Pedro de. **Fotojornalismo: introdução à história, às técnicas à linguagem da fotografia na imprensa.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

SOUSA JUNIOR, Wilton de. Polêmica na ponta da espada: foto em que Dilma parece ser atingida por espadim recebe críticas, mas também elogios. **Photo Magazine**, Balneário Camboriú, ano 7, n. 40, p. 16-17, outubro/novembro de 2011. Entrevista concedida a André Teixeira.

_____. EuSouFotografo conversa com Wilton Junior: entrevista. 01 mar. 2013a. **Blog Eu Sou Fotógrafo.** Entrevista organizada por Andre Muzell. Disponível em: <<http://www.eusoufotografo.com/2013/03/eusoufotografo-conversa-com-wilton.html>>

_____. Entrevista concedida a Julio Cezar Pereira Peres. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <julio.cezar.peres@hotmail.com> em 19 ago. 2013b.